

**A REPRESENTAÇÃO DO DIALETO BAIANO
NA SÉRIE GABRIELA**

Luciana Gomes da Silva (UEMS)

lucianagds@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

No ano de 2012, a Rede Globo de Televisão adaptou o livro *Gabriela Cravo e Canela*, de Jorge Amado, para a TV. Intitulada *Gabriela*, a série apresentou um falar diferente do dialeto da região da Bahia, onde se ambienta a história, criando uma fala específica que se aproximava do dialeto de outras regiões do nordeste. Desta forma, o presente artigo tem como objetivo comparar a fala dos personagens da trama televisiva com o modo de falar de um baiano genuíno, através da transcrição de uma cena e da transcrição de um baiano falando a mesma frase. A partir desta comparação, busca-se investigar se o sotaque criado pode incentivar o surgimento de estereótipos, que podem gerar preconceitos linguísticos.

Palavras-chave: Baianês. Dialeto baiano. Falar baiano. Influência da televisão.

1. Introdução

No segundo semestre de 2012, a Rede Globo de Televisão adaptou a obra literária *Gabriela Cravo e Canela*, de Jorge Amado, para a TV. A história da jovem sensual, de hábitos livres e rústicos que chega a Ilhéus em busca de trabalho, e que vai mexer com o imaginário dos homens e chocar os mais conservadores. Gabriela se torna cozinheira no bar de Nacib e logo inicia um caso de amor com o patrão. Porém, a personagem encontra dificuldades para se enquadrar nas convenções sociais.

Apesar da trama ser ambientada na Bahia, a representação do falar baiano tem melodia e palavras distintas das utilizadas pelos falantes da região. O dialeto baiano ou baianês é um dialeto do português brasileiro. Tem origem no período do Brasil Colônia, quando Salvador era capital, sofreu influência de povos europeus, indígenas e africanos.

Aliás, estes três povos deixaram suas marcas na cultura brasileira e no português falado no Brasil. Em todo território fala-se o mesmo idioma, mas cada região tem suas particularidades linguísticas.

2. O português brasileiro

A língua portuguesa chega ao Brasil em 1500, por meio dos navegadores portugueses, mas sua expansão começa, de fato, em 1532, quando houve a divisão do território em quinze capitanias hereditárias para dar início a colonização portuguesa. Assim, a base da população brasileira durante o período colonial constituía-se pelos índios, primeiros habitantes da região, pelos colonizadores portugueses e, posteriormente, pelos negros, trazidos da África como escravos.

Esses três povos deixaram suas marcas na cultura brasileira e no português falado no país. Em todo território fala-se o mesmo idioma, porém cada região tem suas particularidades linguísticas. Desta forma, o português brasileiro distancia-se do português falado em Portugal e em outras antigas colônias, seja pela pronúncia das palavras ou por expressões existentes, apenas, no Brasil.

Para Coutinho (1976, p. 45), quando os laços políticos enfraquecem-se aparecem divergências no que diz respeito à língua. Pois, como diminuem as relações entre antiga metrópole e colônia – neste caso Portugal e Brasil – a unidade linguística desfaz-se com o passar dos anos. E, como consequência, surgem dialetos que poderão transforma-se em línguas independentes.

Assim, pode-se verificar que, a independência da antiga metrópole – Portugal –, além do vasto território brasileiro e a miscigenação racial foram fatores que contribuíram para o surgimento de distintos dialetos em cada região. Couto (1986, p. 10) observa que, a língua falada pelo povo brasileiro não é um bloco hegemônico e compacto, mas sim, apresenta diversas variações as quais resultam do contato da língua com o ambiente.

Porém, o autor (1986, p. 74) salienta que, “diante dessa heterogeneidade dialetal, faz-se necessário uma norma oficial geral a fim de assegurar a intercomunicação entre as diversas regiões”. Couto ressalta que, esta é uma questão importante porque a língua é o componente mais importante da cultura de um povo. Aliás, a língua oficial dá a própria ideia de Estado, contribuindo para seu fortalecimento e para a propagação de sua cultura. Desta forma, no Brasil existem duas línguas: a língua escrita, que corresponde a norma padrão, e a língua falada pelos brasileiros. Como observa Perini *apud* Bagno:

(...) há duas línguas no Brasil: uma que se escreve (e que recebe o nome de “português”); e outra que se fala (e que é tão desprezada que nem tem nome).

E é esta última que é a língua materna dos brasileiros; a outra (o “português”) tem de ser aprendida na escola, e a maior parte da população nunca chega a dominá-la adequadamente (PERINI, 2007, p. 100).

Além disso, também, existem diferenças na língua falada no Brasil, já que, não existe pronúncia padrão para o português brasileiro. E, considerando que o Brasil é o maior país lusófono e o mais numeroso em falantes do mundo, observa-se a relativa unidade da sua fala popular.

Os dialetos das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro têm maior exposição devido à condição de centro econômico, cultural e midiático. Principalmente, o dialeto do Rio de Janeiro, consequência da cidade ter sido a capital do país e, atualmente, sediar a maior emissora de TV da América Latina, a Rede Globo.

3. O dialeto baiano ou baianês

O dialeto baiano ou baianês tem origem no período em o Brasil era colônia de Portugal e tinha Salvador como capital. Como a cidade abrigava a maioria das instituições administrativas brasileiras sofreu influência de diversos povos, como europeus, indígenas e africanos. Com o passar dos anos ganhou identidade própria e acabou influenciando na formação de outros dialetos do país, principalmente o nordestino. Segundo Pacheco:

Os “colonos” de origem portuguesa falam o português europeu, mas evidentemente com traços específicos que se acentuam no decorrer do tempo. As populações de origem indígena, africana ou mestiça aprendem o português, mas manejam-no de uma forma imperfeita. Ao lado do português existe a língua geral, que é o tupi, principal língua indígena das regiões costeiras, mas um tupi simplificado, gramaticalizado pelos jesuítas e, destarte, tornado uma língua comum (PACHECO, 2013, p. 186).

Além de ser falado na Bahia, o dialeto baiano, também, é utilizado no estado de Sergipe, além do norte de Minas Gerais e do leste de Goiás e Tocantins. Tem características bem peculiares, inclusive, se comparado aos falares encontrados em outros estados da região Nordeste. A principal marca é a presença de vogais médias abertas em posição pretônica, além de uma melodia no falar muito particular a esses brasileiros. Devido a isso, o baianês é facilmente identificado como tal por qualquer falante brasileiro (Cf. PACHECO, 2013, p. 186).

4. A representação do dialeto baiano na série Gabriela

No segundo semestre de 2012, a Rede Globo transmitiu a série *Gabriela* baseada no romance *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado. A história ambienta-se em Ilhéus, no ano de 1925, quando chega à cidade uma nova moradora. Uma jovem sensual, de hábitos livres e rústicos que vai mexer com o imaginário dos homens e chocar os mais conservadores.

Em busca de trabalho, Gabriela torna-se cozinheira do bar de Nacib e logo inicia um caso de amor com o patrão. Porém, a personagem encontra dificuldades para se enquadrar nas convenções sociais. Paes descreve o enredo da obra da seguinte forma:

Gabriela, cravo e canela narra o caso de amor entre o árabe Nacib e a sertaneja Gabriela e compõe uma crônica do período áureo do cacau na região de Ilhéus. Além do quadro de costumes, o livro descreve alterações profundas na vida social da Bahia dos anos 1920: a abertura do porto aos grandes navios leva à ascensão do exportador carioca Mundinho Falcão e ao declínio dos coronéis, como Ramiro Bastos. É Gabriela quem personifica as transformações de uma sociedade patriarcal, arcaica e autoritária, convulsionada pelos sopros de renovação cultural, política e econômica (OBRAS, PORTAL JORGE AMADO).

Porém, na recente adaptação para a televisão – e, também, na versão de sucesso transmitida em 1975 pela mesma emissora – o cenário político fica ofuscado pelos romances dos personagens principais e das tramas secundárias.

Outro aspecto notório da novela são as falas dos personagens, que divergem do sotaque de um típico baiano. Se aproximando mais do falar utilizado em outros estados da região Nordeste. Como é possível perceber na cena em que a recém-chegada Gabriela toma banho no chafariz da cidade para refrescar-se, transcrita abaixo:

Nacib: “Olhe lá Gabriela, aquele é meu bar. Depois eu lhe mostro. Agora preciso ir pra casa, não está longe, não”. (Gabriela observa a água que cai do chafariz e entra para banhar-se, em seguida Nacib interrompe).

Nacib: Gabriela, saia daí, saia. Isso não é para tomar banho. Ande, saia daí.

Gabriela: Tem água!

Carola: Jesus, Maria, José! Esse espetáculo é uma afronta a moral. Quem é a moça Seu Nacib?

Nacib: É Gabriela. Tomei (“tumei”) para cozinheira. Ficou tanto tempo sem ver água que achou que era para se banhar.

Gabriela: Perdoa eu, dona (YOUTUBE.COM).

A maioria destas expressões não são utilizadas por um típico baiano, como “Ande, saia daí”. Um baiano falaria: “venha”, “chegue”. Além disso, a entonação empregada para pronunciar estas expressões é semelhante ao sotaque nordestino encontrado em Pernambuco e na Paraíba. Principalmente, o uso da forma indireta – uma das principais características do dialeto nordestino –, como é possível perceber nas frases: “Agora preciso ir pra casa, não está longe, *não*”, “Perdoa *eu*, dona”.

É possível verificar também que, para retratar uma Gabriela ingênua e sem instrução, o vocabulário da personagem é, essencialmente, composto por falas e expressões consideradas erradas segundo a norma padrão. Outro aspecto notório é a quantidade de personagens que tendem ao humor, à sátira. Principalmente, devido ao sotaque e aos costumes da Ilhéus representada na trama.

A série é, apenas, um meio de entretenimento, porém estas questões podem induzir o espectador a ter essa representação como sendo a sociedade baiana real. Tendo em vista, que a Rede Globo é a principal emissora do Brasil e de maior alcance. O que pode gerar estereótipos em torno do dialeto baiano e, até mesmo, preconceitos linguísticos.

5. Considerações finais

Ao analisar as falas da cena do banho de Gabriela no chafariz da cidade, notam-se diferenças entre o dialeto representado na série e o dialeto baiano real. Porém, não se sabe se a produção foi descuidada ao adaptar a obra de Jorge Amado ou se as falas foram intencionalmente criadas, tendendo mais ao dialeto nordestino. Porém, se a série é ambientada em Ilhéus e não em uma cidade fictícia, a produção deveria representar a sociedade local como de fato é, com sua cultura e seu modo de falar.

Ao invés disso, a produção da série criou um dialeto próprio, que mistura expressões de várias regiões do Nordeste e com melodia parecida com o sotaque de Pernambuco. Como a obra utiliza-se de vários personagens caricatos e cenas de humor, talvez tenha sido intencional. O que pode estigmatizar o dialeto baiano real, pois indivíduos de outras regiões do Brasil podem associá-lo ao humor ou a algo engraçado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

COUTO, Hildo Honório do. *O que é português brasileiro*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

GABRIELA. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/gabriela>>. Acesso em: 18-11-2014.

GABRIELA *banho no chafariz*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wpFnYSE2dGY>>. Acesso em: 11-11-2014.

PACHECO, Vera. Em busca da melodia nordestina: as vogais médias pretônicas de um dialeto baiano. *Linguística*, vol. 29, n. 1, 2013.

PAES, José Paulo. *Gabriela, cravo e canela*. Crônica de uma cidade do interior. Disponível em: <www.jorgeamado.com.br/obra>. Acesso em: 18-11-2014.

PERINI, Mario A. Sofrendo gramática. In: BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso*. São Paulo: Parábola, 2007.